



GT 15. Antropologia, Performances e Patrimônios: saberes insubmissos

Coordenador(es):

Paulo Jorge Pinto Raposo (ISCTE)

Scott Head (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Sessão 1

Debatedor/a: Izabela Maria Tamaso (UFG - Universidade Federal de Goiás)

Sessão 2

Debatedor/a: Filipe Marcelo Correia de Brito Reis (ISCTE)

Sessão 3

Debatedor/a: Renata de Lima Silva (UFG - Universidade Federal de Goiás)

O GT tem por objetivo reunir de comunicações que incorporem reflexões antropológicas sobre as dimensões performativas e imateriais da cultura, notadamente a relacionada a processos de patrimonialização. Interessa-nos (1) entender como se evidenciam diálogos tensos e negociações entre saberes insubmissos, insurgentes e subalternos, materializados em performances culturais e cenários institucionalizados, que acionam a patrimonialização; (2) observar dinâmicas entre patrimônio(s) e performance(s) explorando as dimensões criativas e processos de objetificação cultural de repertórios culturais menos visibilizados ou minoritários; ou as tensões entre expressões culturais de natureza performática (festas, rituais, formas estéticas) e dinâmicas contemporâneas de classificação dessas formas expressivas, marcadas por resistências anti-patrimoniais ou processos insurgentes de empoderamento; (3) entender como formas de exibição dessas manifestações expressivas da cultura se dinamizam através de propostas insubmissas - museus, galerias, no espaço público, eventos ou plataformas virtuais - visando produzir formas mais ou menos canônicas de cultura. Pretendemos pensar criticamente os limites e as dimensões imateriais da cultura e da produção cultural do real. Serão bem vindas propostas em diversos formatos, contribuindo para uma certa descolonização na transmissão de ciência, seja pela tradicional comunicação oral, pelo ensaio audiovisual, instalação comentada ou conferência-performativa.

Museu dos Ossos: um recanto da "cultura de areia" de Itapuã, em Salvador-Bahia

Autoria: Clara Domingas Correia de Codes (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

O Museu dos Ossos é uma criação de pescadores e trabalhadores de praia (Zell, Nado, Valter Hugo, Malhado, Cabeça, Carcará e outros) em colaboração com Clara Domingas, artista e mestrandia em Antropologia na UFBA, também nascida e criada no bairro de Itapuã, em Salvador-Bahia. Em 2015, o barracão "Os Kiloss" (uma capatazia da Colônia de Pesca Z-6) foi condenado à demolição pela reforma de requalificação da orla marítima da cidade, sob gestão de ACM (DEM). Antes da destruição, fizemos uma imersão no barracão, vivemos o cotidiano do grupo e realizamos desenhos, pinturas e vídeos. Em 2016, o barracão foi demolido. Uma nova sede foi construída na área cimentada, que passou a acolher somente os pescadores regularizados. Alguns dos pescadores e trabalhadores locais criaram o "Museu dos Ossos" no antigo lugar, com ossos de baleia, peixes empalhados e artefatos, uma prática estética que já era presente antes, mas que ganhou um novo sentido no contexto "museal" determinado por eles. Eventos recreativos e festas de



aniversário passaram a acontecer esporadicamente ali. Ao redor da nova sede, a maioria dos trabalhadores seguiu ocupando a área, com suas gambiarras e armengues. Em 2016, a experiência criativa com esses sujeitos desdobrou-se num terreno próximo, no Abaeté, uma área articulada à praia por tratar-se de ecossistemas integrados da restinga, ligados por fontes, rios e dunas históricas, atualmente em perigo. Nesta reserva antropizada da APA- Lagoas e Dunas do Abaeté, ativamos um projeto de regeneração permacultural, através do qual, o conceito de "cultura de areia" se expandiu. No entanto, nos esbarramos em problemas e obstáculos estruturantes da cultura local. Em 2019, a SEMOP-Prefeitura de Salvador destruiu o "Museu dos Ossos" criado na praia, sem aviso prévio, para favorecer a instalação de um empreendimento privado. Mas o desaparecimento desse espaço não significou o fim dele. O Museu dos Ossos tornou-se uma plataforma itinerante, mediante a instalação (em qualquer lugar) de uma escultura provisória - um totem feito de artefatos da praia, e o compartilhamento de memórias, objetos, imagens e relatos multi-linguagens. A experimentação seria a principal característica dessa prática museológica, que se alinha com o que é considerado museologia dialógica, ou participativa, a que nós chamamos de museologia performativa. A pesquisa de mestrado, iniciada em 2017, aborda essas e outras transformações na paisagem de restinga de Itapuã, território ancestral, antiga vila de pescadores que se tornou um popular e populoso bairro de Salvador, Bahia. Compartilharei resgates históricos, problemas socioambientais e possibilidades de criação coletiva e patrimonial ligadas à este território.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: